

Nietzsche e o paradoxo**Samuel Mendonça**

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Campinas

Patrícia Nunes Arantes

Estudante de Direito (PUC Campinas) e bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq)

ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Nietzsche e o Paradoxo*. Loyola. 2005.

Rogério Miranda de Almeida possui vasto e rico currículo acadêmico, com destaque para o mestrado e doutorado em Teologia - Universidade de Estrasburgo (1989 e 1993) e doutorado em Filosofia pela Universidade de Metz, França (1997). Produziu e publicou *Nietzsche et le paradoxe* (Presses Universitaires de Strasbourg, França, 1999), obra traduzida para o inglês em sua segunda edição. Em português, a obra foi publicada em 2005 pela editora Loyola e traduzida pelo próprio autor. Atualmente é professor de filosofia na pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Nietzsche e o Paradoxo apresenta como temas principais a vontade de potência, o niilismo e o eterno retorno, bem como as relações de força e a construção/destruição de interpretações que perpassam o núcleo do questionamento nietzschiano. Logo no início e durante toda a obra, o autor deixa claro que tem por objetivo destacar os paradoxos expressos na escrita do discípulo de Dionísio, sem almejar a obtenção de uma síntese terminal ou uma conclusão (*Aufhebung*); algo que estaria predestinado ao insucesso. Almeida encara o texto do filósofo como diferença e transgressão, não podendo ser submetido a um fio lógico como o querem as interpretações modernas de Walter Kaufmann, Karl Jaspers, Martin Heidegger e Gilles Deleuze ao classificarem as contradições da obra nietzschiana como aparentes. O autor objetiva suscitar o debate e o questionamento em torno dos escritos de Nietzsche ao oferecer subsídios para novas perspectivas e interpretações, em um incessante criar e destruir sobre um pensamento que se afirma na diferença.

No prefácio, redigido em Roma, Almeida apresenta considerações sobre a edição em português da obra em questão. *Nietzsche e o Paradoxo* foi publicado inicialmente em francês e traduzido para o português pelo

próprio autor, com o intuito de tornar o texto fiel àquele primeiramente elaborado. Quanto às citações da obra do filósofo da vontade de potência, o autor decidiu-se pela tradução livre diretamente do alemão e eventualmente utilizou-se da escassa seleção de textos traduzidos por Rubens Rodrigues Torres Filho.

Nietzsche e o Paradoxo compõe-se de duas partes, sendo que a primeira se subdivide em três capítulos: *O nascimento da tragédia*; *O entre dois: humano, demasiado humano*; *As sinuosidades da escrita e as vicissitudes do pensamento*. A segunda parte também é composta por três capítulos, com análises centradas, sobretudo, nas obras referentes ao terceiro período produtivo do filósofo da vontade de potência.

No primeiro capítulo da primeira parte, o autor analisa a obra do solitário de Sils-Maria intitulada *O nascimento da tragédia*. Publicada em 1872, a obra pertence ao primeiro período do filósofo, sendo composta por vinte e cinco capítulos e apresenta Sócrates como o principal inimigo da tragédia e, por conseguinte, do espírito dionisíaco. São abordadas as pulsões responsáveis pela existência da arte trágica. Apolo, o belo, a aparência e Dionísio, a essência, não projetadas como opostas, mas em um sistema de completude “ora separadas, ora unidas, aqui em luta aberta, acolá reconciliadas, essas duas forças trazem, no entanto, características comuns, por que uma se inclui na outra, se reveste da outra, se reconhece na outra” (ALMEIDA, 2005, p. 28). Por que terá Nietzsche inaugurado sua filosofia com uma problemática estética? suscita o autor. Essa problemática perpassará toda a obra. A aparência como instinto primeiro do homem, como meio de afirmar a vida, a significação dionisíaca conferida à aparência apolínea e a morte dessa fonte de prazer originário pelo socratismo. Sócrates, homem teórico com o qual se consumou a potência da lógica e da dialética, é considerado como aquele que decompôs a helenidade com o diálogo pela boca de seu porta-voz, Eurípides. Neste capítulo, de maneira sucinta, é abordado o niilismo, o ressentimento e a problemática da *morte de Deus*, temas que retornarão mais tarde, nos demais capítulos, de maneira mais completa.

No segundo capítulo, Almeida aborda a obra de Nietzsche

denominada *Humano, Demasiado Humano*, publicada em 1878. Almeida considera esta obra como a intermediária do filósofo do eterno retorno. Segundo o autor, *Humano Demasiado Humano* traz à tona uma ruptura com tudo aquilo que se erigia como ideal e que demonstrou ser demasiado humano, ou seja, ilusório, errôneo, repleto de vícios da moral dominante. O método de que se utilizou o filósofo do eterno retorno foi o aforismo para revalorar os temas antes explorados: arte, ciência, moral, religião e a metafísica. O mundo fenomênico passa a ser abordado como um conjunto de erros e ilusões criadas pelo homem para se enganar e propiciar uma felicidade estável. A música agora é relegada a um plano inferior ao das ideias e ao do pensamento, e o gênio, antes um excelso que transfiguraria a dor originária, passa a ser aquele que se faz pelo próprio exercício. A ciência é vista não como um sistema de proposições lógicas fundamentada em princípios universais, mas como “caminho aberto ao espírito livre que não exclui nenhuma ciência em particular” (ALMEIDA, 2005, p. 89). Ainda segundo Almeida, do ponto de vista da vontade de potência, *Humano, Demasiado Humano* é a história dos erros produzidos pela arte, metafísica, religião e ciência que, todavia, tornaram o homem e o mundo mais profundos. Resta ainda destacar que, na última parte do que se denomina *Humano, Demasiado Humano II*, composto por *Miscelânea de opiniões e sentenças* e *O Andarilho e sua Sombra*, Nietzsche apresenta uma filosofia de solidão profunda, infligida pela doença, que tornou constante temas como a dor, o sofrimento e a morte, porém como meio de afirmação à vida.

O terceiro capítulo traz o exame do derradeiro período produtivo de Nietzsche a partir de duas importantes obras: *Aurora* e *A Gaia Ciência*. Como analisa Almeida, em *Aurora* é ainda visível a influência dos moralistas franceses, predominando na obra elementos de utilidade e sentimento, mas também reflexões em torno do niilismo, vontade de potência e espírito de decadência. Em *A Gaia Ciência* essas reflexões são aprofundadas e outras são abordadas, como a morte de Deus e o eterno retorno. O autor ressalta mais uma vez as contradições presentes na obra nietzschiana, criticando aqueles autores que a reduzem a meras “contradições aparentes”, em especial Kaufmann, Jaspers e Wahl.

Diferentemente destes, Almeida eleva essas contradições, essa arte de mascaramento na qual Nietzsche foi mestre. Até mesmo onde tantos outros teriam visto apenas dor e sofrimento, ele via gozo e superação, por que “filosofar significa para Nietzsche alcançar seguidas vitórias sobre os diferentes estágios e etapas que lhe inflige a doença. O doente termina por viajar dentro de si mesmo” (ALMEIDA, 2005, p. 150). A filosofia reflete aquilo que acontece no espírito e no corpo do filósofo. Almeida finaliza a primeira parte de *Nietzsche e o Paradoxo* introduzindo três conceitos fundamentais do discípulo de Dionísio: o eterno retorno, a vontade de potência e o além-do-homem. O primeiro diz respeito à doutrina que o filósofo reivindica para si, a partir da qual o mundo, regido por centros de forças, possui um número de combinações que retornam infinitamente em sequências idênticas. A vontade de potência, por sua vez, diz respeito a constante superação de si, isto é, o conjunto de forças internas negativas e positivas que pulsam no mundo orgânico e aponta para o além-do-homem (*Ubermensch*) - e o *amor fatti*, - que referem-se ao niilismo radical, ou seja, nada querer além daquilo que existe na realidade.

Se na primeira parte do livro são enfatizados os paradoxos em torno da arte, da ciência, da religião e da metafísica, na segunda parte são examinados o cristianismo e a moral, para destes destacar as forças e relações de forças que caracterizam o niilismo e a vontade de potência. Os três capítulos constituem-se de *Nietzsche e o Cristianismo; A moral ultrapassada pela moral e Para além de bem e mal*.

O quarto capítulo, como anuncia o título, trata de análises em torno do Cristianismo a partir da obra denominada *O Anticristo*. Publicada em 1895, é composta por um prefácio e sessenta e dois capítulos. O autor elucida a concepção de Nietzsche quanto à moral, a religião e o cristianismo, bem como as figuras de Cristo e do apóstolo Paulo. São Paulo é apontado como o fundador do Cristianismo, aquele que, como Lutero, passou a odiar seus próprios ideais, neste caso a lei judaica, e enxergando em Jesus o destruidor da lei, passa a adorá-lo, “(...) morrer com Cristo equivale a morrer para a lei, viver segundo a carne significa, ao invés, viver segundo a lei” (ALMEIDA, 2005, p. 180). São Paulo funda o Cristianismo

ao mesmo tempo em que mata a “boa nova” trazida por Jesus e institui a doutrina do juízo final, que prega que Jesus morreu para a expiação dos pecados. Para o discípulo de Dionísio, os deuses servem para medir a grandeza de um povo. Assim, Deus forte é sinal de um povo potente e, de forma contrária, o Deus que nega a vida anuncia um povo em declínio. É nesta perspectiva que ele vê no Cristianismo e, no novo testamento, a decadência de uma religião moralizante. É também nessa perspectiva que o filósofo diferencia Dionísio e o Crucificado; o primeiro caracterizado pela vida e a eterna fecundidade, e o segundo pelo sofrimento como meio de condenar a vida. É no parágrafo 343 de *A gaia ciência* que Nietzsche faz uma de suas mais polêmicas declarações: “Deus morreu” e, muito embora diversos intérpretes enxerguem aqui o ateísmo declarado do filósofo, deve-se enxergar tão somente a desvalorização da metafísica que institui verdades absolutas, pois para ele “o Deus da tradição metafísica representa o que há de mais hostil a uma vida ascendente” (ALMEIDA, 2005, p. 204).

No quinto capítulo, Almeida aborda a obra nietzschiana intitulada *A genealogia da moral*. Publicada em 1887, constitui-se de um prefácio e três dissertações. Complementa *Para além de bem e mal* e representa a transição para o terceiro período produtivo do filósofo, pois aqui ele revaloriza suas próprias descobertas. Na primeira dissertação da obra, o solitário de Sils Maria retoma a ideia de que apenas uma tênue linha separa os aristocráticos dos bárbaros. Há, em ambos, uma natureza destruidora, evidenciando ainda a casta sacerdotal como aquela que promoveu a inversão dos valores aristocráticos sobre o que é bom, a partir das forças niilistas da decadência, sem negar o papel paradoxal de criação que estas possuem. Retoma também o paradoxo da morte de Cristo, como uma vingança planejada por Israel. Na segunda dissertação, o filósofo introduz a ideia de culpa (*Schuld*), como equivalência entre dano e dor, de má consciência, ou seja, a origem do remorso no momento em que o homem deixou de ser nômade e passou a viver em sociedade, internalizando seus instintos contra ele mesmo. Essas duas concepções culminam no papel do Estado como aquele que domesticou uma determinada população por meio da violência e não a partir de um contrato social como o quer Rousseau. A má consciência é vista, no

entanto, como uma das “ficções, das desilusões e das mentiras que enriqueceram o homem e lhe permitiram elevar-se acima dos outros animais” (ALMEIDA, 2005, p. 237). Na terceira dissertação, Nietzsche enumera aqueles que disseminam o ideal ascético: artistas, mulheres, malogrados, sacerdotes e santos. Observando a importância destes ideais na construção cultural da humanidade, analisa ainda as transformações do ressentimento e da má consciência pelas mãos do sacerdote. Almeida destaca que “as forças da decadência e da moral que se manifestam nos ideais ascéticos negam precisamente aquilo pelo qual elas se conservam e estendem sua potência” (ALMEIDA, 2005, p. 255), ou seja, a moral ultrapassada pela moral. Foi então que o filósofo escolheu e criou Zaratustra para destruir a moral considerando-o “capaz de produzir a verdade, porque ele conhece a mentira” (ALMEIDA, 2005, p. 256).

No último capítulo de *Nietzsche e o Paradoxo*, o autor analisa a obra: *Para além de bem e mal*. Publicada em 1886, logo após *Assim falou Zaratustra*, a obra é, segundo Almeida, uma releitura de temas anteriormente analisados, que abrem caminho para diversas interpretações. Há, sobretudo, uma forte crítica às oposições entre valores estabelecidos pela metafísica. O filósofo do eterno retorno nega a existência destas oposições na medida em que considera o perspectivismo como caminho que conduz ao conhecimento, “a ‘verdade’ desses espíritos livres é perspectiva, e negar o perspectivismo equivaleria a negar a própria vida” (ALMEIDA, 2005, p. 271). Nietzsche insere a figura do “filósofo do futuro” que seria também dissecador e artista, na medida em que cria e, ao criar, legisla aguçando sua vontade de potência. Os “filósofos do futuro criam eles mesmos as suas verdades e as suas tábuas de valores” (ALMEIDA, 2005, p. 283). Cabe apontar ainda que é constante a utilização de metáforas referentes ao mar e figuras declinantes, como meio de revelar ao espírito livre que o horizonte está novamente aberto ao conhecimento e a consequente busca por novas terras, desejosas de serem exploradas. Tudo isso vem demonstrar que a maior característica da escrita nietzschiana consiste em sua capacidade de se desdizer, de se reinventar, e se mostrar mestre em mascarar, “[...] não há nenhum estado de fato, insiste o filósofo,

pois tudo é flutuante” (ALMEIDA, 2005, p. 275).

“É assim que se desdobra a obra de Nietzsche, é assim que o quer a sua escrita e o gozo que dela decorre; um gozo suscitado pelas incertezas e pela surpresa” (ALMEIDA, 2005, p. 172). É assim que Almeida interpreta o pensamento nietzschiano, não com uma única perspectiva, mas com possibilidade de suscitar outras tantas, afinal eis o intuito do filósofo da vontade de potência e também de Almeida, condicionar uma gama de reflexões e interpretações, em um incessante criar e destruir, no jogo paradoxalmente abstrato e concreto que demonstra ser a vida.

A obra *Nietzsche e o Paradoxo* é destinada aos interessados no pensamento de Nietzsche, especialmente os estudiosos mais exigentes, dado que Almeida investiga aspectos dos três períodos do filósofo do eterno retorno diretamente do original e o faz com rigor e precisão. Com linguagem sofisticada, o texto de Almeida revela o profundo e cuidadoso conhecimento da obra de Nietzsche, evidenciando a presença do paradoxo em sua filosofia.